

## O trabalho da psicologia na luta por direitos coletivos dos povos indígenas: parecer psicossocial sobre os Xavante de Marãiwatsédé

BRUNO SIMÕES\*

**Resumo:** A violência política contra diferentes populações indígenas durante a ditadura militar brasileira ainda é muito desconhecida e pouco difundida. O presente artigo é a apresentação e análise do parecer técnico psicológico realizado para averiguar os efeitos psicossociais da violência política contra a população xavante de Marãiwatsédé, no Mato Grosso. No ano de 1966, a população xavante – 263 pessoas – foi removida para a missão salesiana de São Marcos, localizada a 600 quilômetros de distância. Dias após a chegada a São Marcos, iniciou-se um processo de intensa mortandade entre essa população. Em algumas semanas morreram 83 indígenas. Após a realização dos estudos, conclui-se que a remoção e a morte coletiva produziram uma traumatização psicossocial coletiva nessa população. A constatação de que há um processo continuado de violência contra os Xavante de Marãiwatsédé não só enseja o exame desses efeitos como abre para possibilidade de uma reparação psicossocial coletiva dessa população.

**Palavras-chave:** ditadura; direitos humanos; violência política; trauma social; genocídio.

**The work of psychology in the struggle for collective rights of indigenous peoples: psychosocial opinion on the Xavante from Marãiwatsédé**

**Abstract:** The political violence against different indigenous populations during the Brazilian dictatorship is still very unknown and little publicized. The present article is the presentation and analysis of the psychological technical input carried out to ascertain the psychosocial effects of the political violence against the Xavante population of Marãiwatsédé in Mato Grosso. Some days after the removal, a large number of people began to die. In few weeks 83 indigenous people have died. Once the studies have been concluded, it has been carried out a report which highlighted the impacts of the political violence in individual levels as well as in collective levels in the Xavante of Marãiwatsédé population. The findings that there is an ongoing process of violence against the Xavante of Marãiwatsédé demand not only the examination of these effects but also the possibility of psychosocial collective amendments for this population.

**Key words:** dictatorship; human rights; political violence; social trauma; genocide.



\* **BRUNO SIMÕES** é psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutor em Serviço Social pela mesma instituição. Pós-doutor em psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pós-Doutorando e professor convidado do Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Social e do Trabalho na Universidade de São Paulo (USP).

A violência de Estado contra diferentes populações indígenas durante o período da ditadura militar brasileira (1964-1985) ainda é muito desconhecida e pouco difundida. No capítulo dedicado às populações indígenas do relatório final da Comissão Nacional da Verdade, são relatados dezenas de casos em que houve violação dos direitos humanos desses povos<sup>1</sup>. Sobre a violência do Estado brasileiro contra os indígenas o Ministério Público Federal [MPF] (2015) escreve:

*Dois importantes desafios a serem enfrentados pelo Estado brasileiro são o reconhecimento e a reparação das graves violações de direitos humanos dos povos indígenas ocorridas durante a ditadura militar (1964-1985), que por décadas permaneceram ocultas e que ainda não foram suficientemente reveladas.*

*O pouco que já se sabe não deixa margem a dúvidas: o período autoritário foi marcado pelo extermínio, trabalho forçado, tortura, remoções forçadas e intensa desagregação social de várias etnias, provocados pela omissão e pela ação direta do Estado (MPF, 2015, p. 3).*

O presente artigo é a apresentação e análise do parecer técnico psicológico realizado para averiguar os efeitos psicossociais da violência política contra a população xavante da Terra Indígena Marãiwatsédé, localizada na região da Serra do Roncador, no Estado do Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil. No ano de 1966 foi realizada a remoção de 263 indivíduos xavante que viviam em

1 Segundo o relatório da Comissão Nacional da Verdade em seu capítulo sobre os indígenas, as violações de direitos humanos coletivos dos indígenas se dividem em duas ordens de ação: usurpação do trabalho indígena, confinamento e abuso de poder; expulsão, remoção e intrusão de terras indígenas; desagregação social e extermínio. Além dessa descrição geral das modalidades de violação, o documento se detém mais pormenorizadamente em nove casos considerados

Marãiwatsédé para a missão salesiana de São Marcos, localizada a mais de 600 quilômetros dali. Dias após a chegada a São Marcos, iniciou-se um processo de intensa mortandade entre essa população. Em algumas semanas morreram 83 pessoas. Esse episódio foi objeto da ação realizada pelo Ministério Público do Estado do Mato Grosso, que exige que o Estado brasileiro reconheça as graves violações de direito coletivo desse povo.

### **Aspectos estruturais e intersubjetivos da traumatização psicossocial coletiva**

Com base nos estudos realizados pela Psicologia Social sobre os impactos psicossociais da violência política, em suas diferentes expressões, nas populações e nos indivíduos atingidos, foi desenvolvida a noção de traumatização psicossocial coletiva<sup>2</sup>.

A traumatização psicossocial coletiva envolve dois conjuntos de aspectos que fazem parte de sua construção: aspectos estruturais e aspectos intersubjetivos.

São os que formam as dinâmicas estruturantes da traumatização psicossocial coletiva. São eles: trauma psicossocial, sequencialidade do trauma (traumatização) e transgeracionalidade.

O trauma psicossocial refere-se à análise dos sintomas psicossociais da violência política que se expressam em uma determinada população, em um grupo ou em indivíduos. Ele é a “cristalização traumática nas pessoas e nos grupos das relações desumanizadas” (MARTÍN-BARÓ 1984a). A sequencialidade é um

emblemáticos: Kaiowá, Krenak, Nambikwara, Aikewara, Avá-Canoeiro, Sateré-Mawé, Xavante, Xokleng e Cinta Larga. O relatório cita ainda mais 21 povos e aponta que “muitos outros” passaram por semelhantes processos.

2 Utilizamos estudos realizados principalmente a partir da realidade latino-americana, em especial os trabalhos de Ignacio Martín-Baró (1942-1989) e os estudos da Psicologia da libertação.

processo histórico no qual diferentes experiências traumáticas podem ir se acumulando em sequência, intensificando e tornando mais complexo o próprio processo de traumatização. Já a transgeracionalidade refere-se aos efeitos do trauma psicossocial nas gerações seguintes àquelas que sofreram diretamente com a violência política. Isso indica que a experiência humana se realiza em uma inter-relação social que não está limitada somente ao mundo social da geração presente, mas que mantém vínculos com acontecimentos vividos por gerações anteriores.

São os aspectos que indicam os padrões presentes nas relações intersubjetivas e que possibilitam a permanência e o desenvolvimento da traumatização psicossocial coletiva nos grupos. No caso em análise, foram elencados três aspectos centrais: desenraizamento, desumanização e humilhação social.

O desenraizamento trata-se de um processo de expropriação dos espaços, objetos, símbolos e relações sociais significativos para os sujeitos. Ou seja, ele retira as referências nas quais o sujeito ancora sua subjetividade.

A desumanização é um processo de discursos e práticas que operam através de relações de violência e opressão. A desumanização é uma destituição da possibilidade de o outro se constituir como humano, individual e coletivamente. Um aspecto central da desumanização é a coisificação, ou seja, a subtração dos valores, características e significados que conferem ao outro sua condição de constituir-se como humano.

Humilhação social é um processo de inferiorização, invisibilidade e maus tratos entre indivíduos ou grupos, que está condicionada à assimetria de poder dentro de uma sociedade onde há desigualdade política e econômica. Ela se estabelece

como um conjunto de relações de opressão nas relações intersubjetivas originadas nessas desigualdades.

No caso dos Xavante de Marãiwatsédé, a humilhação social se conjuga com o faccionalismo xavante na produção do sofrimento psíquico dessa população. Relação social e de organização coletiva, o faccionalismo xavante corresponde às dinâmicas que regem as relações de poder, de cooperação e de divisão internas ao grupo. Maybury-Lewis, 1984).

## **2. O período anterior à remoção e à morte coletiva**

O processo de traumatização psicossocial coletiva dos Xavante de Marãiwatsédé será apresentado em sua sequencialidade, desde os eventos anteriores à remoção e à morte coletiva – episódio desencadeador – até a diáspora desse grupo nas quatro décadas seguintes.

### **2.1 Violência colonial e frentes de contato**

Os registros mais antigos que mencionam a existência das populações xavante são da segunda metade do século XVIII, A descoberta de jazidas de ouro na região Centro-Oeste do Brasil levou até lá colonizadores brancos, bandeirantes atraídos pela mineração. Datam desse período as primeiras notícias de conflitos entre a população xavante e povoadores brancos.

Devido à localização mais ao norte do país, o povo de Marãiwatsédé foi o último grupo xavante a ser contatado pelas frentes de expansão e pelos grupos – empresas, missões religiosas, posseiros e fazendeiros – que formavam a franja da sociedade a entrar em contato com as populações xavante: É nesse contexto que, a partir dos anos 1950, a região de Marãiwatsédé é invadida.

## 2.2 O tempo da fome e da escravidão

O período entre a “pacificação” dos Xavante de Marãiwatsédé e sua remoção em 1966 foi de extrema penúria.

Nesse contexto, os remanescentes do grupo de Marãiwatsédé aceitaram transferir-se para uma aldeia próxima à sede da fazenda onde trabalharam na derrubada da vegetação nativa para a formação de pistas de pouso de avião, de roças e de pastos para a criação de gado, recebendo apenas comida por esse pesado serviço, o que pode ser caracterizado como um regime de trabalho análogo ao trabalho escravo. (OPAN, 2013).

É possível encontrar em diferentes documentos relativos ao caso de Marãiwatsédé inúmeras evidências de que há uma tentativa de “adaptação” da população xavante ao modo de trabalho na agricultura e na construção. Trata-se de um processo claro de desumanização via trabalho forçado em condições

## 3. Remoção e morte coletiva: episódio desencadeador da traumatização psicossocial coletiva

A remoção e a morte coletiva são o evento que marca a mudança total na vida dos Xavante de Marãiwatsédé. Diante do extremo sofrimento e das mudanças que esses acontecimentos desencadeiam, entendemos que eles são o ápice do processo de traumatização da população xavante de Marãiwatsédé.

### 3.1 Remoção, desumanização e desenraizamento

O processo de remoção da população de Marãiwatsédé é um passo a mais no histórico contínuo de violência política à qual os Xavante estavam expostos. Desarticulado o conjunto de aldeias daquele território e devidamente “pacificados” seus habitantes – na forma de escravidão, fome, doença e condições extremamente adversas para manter o

mínimo necessário a alguma sobrevivência –, a população restante de Marãiwatsédé foi simplesmente retirada do local em que vivia.

*Nunca me esqueci de Marãiwatsédé. A gente embarcou no avião, é choro muito grande. E chegando muito triste (Adulto, Marãiwatsédé).*

*Eles estavam muito debilitados, porque a distância pra você calcular [...]. Foram jogados tudo no avião, trazidos pra cá sem terem uns cuidados higiênicos, vamos falar assim; trazidos pra cá e jogados tudo nessa igreja (Adulto, São Marcos).*

A remoção dos Xavante de Marãiwatsédé é um ato de desumanização agudo porque desconsidera completamente a história e o passado dessa população. É como se ela pudesse ser transferida do lugar onde vivia dispersa entre muitas aldeias – seguindo um conjunto de práticas culturais próprias – para um novo local desconhecido e sem vínculo com a história do povo.

O processo de remoção caracteriza um violento e profundo desenraizamento dessa população, arrancada de sua terra ancestral, com a qual tinha intenso vínculo de pertencimento. Esse aspecto é evidente nos depoimentos transcritos ao longo deste artigo.

### 3.2 O significado da terra para os Xavante de Marãiwatsédé

Espaço de vida, natureza e morte da população que ali vivia, a terra de Marãiwatsédé significava a referência central da existência social dessa população. Isso pode ser observado a partir de duas dimensões inter-relacionadas e que têm o território como fundamento central: a visão ético espiritual xavante – sua cosmovisão – e a dimensão política.

#### 3.2.1 A terra Marãiwatsédé na cosmovisão xavante

A terra de Marãiwatsédé significava o meio ambiente total de onde os Xavante

retiravam seu alimento, suas moradias e todo o conjunto de objetos e produtos próprios da cultura xavante. Também era o lugar de ancoragem de sua vida imaginário-simbólica, assim como de sua memória social. O universo mítico, o conjunto de símbolos, a presença dos espíritos e da vida espiritual própria dos Xavante encontravam na terra de Marãiwatsédé sua “casa. A divisão dos Xavante em dois clãs, a complexa organização social por faixas etárias, os rituais que marcam as diferentes fases da vida, as práticas rituais da coleta e da caça coletivas, todas essas práticas estão diretamente ligadas à relação com a terra de Marãiwatsédé e ao seu manejo.

Há uma relação intrínseca entre os Xavante de Marãiwatsédé e seu território. A lembrança relacionada aos rituais próprios da cultura e à morada de determinados entes sobrenaturais; os lugares sagrados, habitados pelos espíritos que formam o panteão xavante; os locais de caça e os da abundância de determinada fruta, peixe ou pássaro; os diferentes espaços de encontro na aldeia e fora dela; os lugares onde conseguir o material para confecção dos objetos próprios à reprodução cultural xavante: todos esses espaços são lugares de imbricação entre o ser humano e a natureza, espaços da produção da vida xavante como uma totalidade social, ancorada em valores ético-espirituais específicos dessa cultura.

### 3.2.2 A dimensão política do território Marãiwatsédé

Outro aspecto fundamental do desenraizamento efetivado pela remoção dos Xavante de Marãiwatsédé é a expropriação de sua subjetividade e de sua organicidade política. Ao ser retirada de sua terra ancestral, essa população foi expropriada da possibilidade de se

organizar politicamente em relação ao outro.

O território é a base de sustentação material desse povo e a garantia de sua autonomia. Expropriados de sua terra, os Xavante de Marãiwatsédé foram brutalmente fragilizados em sua capacidade de negociação e afirmação junto aos diferentes grupos com quem se relacionam.

### 3.3 A morte coletiva

Juntamente com o episódio da remoção da Terra Indígena Marãiwatsédé, outro conjunto de acontecimentos complementa aquilo que estamos considerando como o episódio desencadeador da traumatização psicossocial coletiva. A morte coletiva de 83 pessoas – entre crianças, velhos, mulheres e homens adultos – das 263<sup>3</sup> é o resultado de uma sequência de ações nas quais a humanidade dos Xavante foi sendo gradativamente subtraída e expropriada simbólica e fisicamente:

*Quando fizeram o contato com o pessoal de São Marcos, veio essa epidemia, vamos dizer, aproximadamente dois a três dias quando eles chegaram aqui veio essa epidemia de caxumba, onde a nossa defesa epidemiológica, né, vamos dizer, não tínhamos, sabe? Então, teve a morte de muitas pessoas, por onde o próprio trator cavou um túmulo onde, segundo eles relatam, que a maioria das pessoas que vieram a falecer foram jogadas (Adulto, São Marcos).*

*Quando os índios chegavam em São Marcos, depois de uns dias, tiveram sarampo e morreram muita gente; vendo os parente chorando, assim tiveram muita emoção, lembrando a vivência passada no lugar que eles vivia. Os nossos avós, os nossos parentes. Foi um velório coletivo de*

3 Dados oriundos de OPAN – Comissão da Verdade (2013).

*carreta e foi enterrado de uma coletiva (Adulto, Marãiwatsédé).*

A chegada na missão São Marcos também é muito lembrada nos depoimentos. Divididos entre crianças e adultos, os Xavante foram “adequados” à lógica da catequização salesiana, à qual seriam submetidos dali em diante.

### 3.3.1 Os enterros em vala comum

Outro aspecto central para compreender a amplitude dos prejuízos psicossociais da morte coletiva da população de Marãiwatsédé é o modo como foram tratados os corpos das pessoas que morreram no período seguinte à remoção. Como nas mais diversas culturas, entre os Xavante a ocasião da morte é cercada de cuidados e práticas sociais específicas, os ritos funerários

Os Xavante dividem seu grupo em dois grandes subgrupos. A cova é preparada por membros do subgrupo contrário ao do morto. O sepultamento é realizado em uma cova única, tradicionalmente coberta com madeira fina e terra. Há um período de luto em que a família daquele que morreu permanece em resguardo.

O luto termina quando um líder do outro subgrupo vai até a família do morto e realiza um ritual em que é oferecido um pão. Nas palavras de um depoente, o pão significa “pare de chorar agora, é preciso esquecer”. A partir da relação dual de todo o universo xavante, é possível dizer que psicologicamente esse ritual opera como um chamado para o reestabelecimento da vida cotidiana. Além da retomada do equilíbrio entre as duas metades da vida social xavante, o ritual completo do luto é muito importante para que, dentro da cosmovisão xavante, o espírito do morto consiga chegar até a “aldeia dos mortos”. A imagem dos corpos amontoados nos caminhões sem nenhum cuidado aparece com frequência nos depoimentos. O recolhimento dos corpos e seu enterro

coletivo em vala comum são o ápice do processo de violência que desencadeou a traumatização nessa população.

*Então, teve a morte de muitas pessoas, por onde o próprio trator cavou um túmulo onde, segundo eles relatam, que a maioria das pessoas que vieram a falecer foram jogadas; não assim sepultados dignamente, mas jogados em cima um do outro. E até o próprio trator na carreta, carretão, teria amontoadado aquelas pessoas mortas; foram levadas para o cemitério onde que o trator cavava (Adulto, São Marcos).*

*Então, jogaram a gente em São Marcos. Em um dia. As meninas, as moças. O buraco onde as mulheres eram enterradas era grande, todas juntas. Isso é certo? Tirar a gente pra ocupar a terra? Por isso, estou falando. Lá morremos muito (Adulto, Marãiwatsédé).*

A morte coletiva dessa magnitude não é prevista pela cultura xavante. É um acontecimento que não pode ser elaborado por algum aspecto pré-existente na própria cultura:

*[O maior impacto negativo na cultura] é o enterro coletivo. Não se pensou em se enterrar como devia ser. Tem a nascente, o início do céu, lá tem, devia ter, de colocar ritualmente como deve ser enterrada a pessoa, e não foi reconhecido. É impensável isso pra nós. Se alguém contasse aqui, os mais velhos chorariam na nossa presença (Adulto, São Marcos).*

### 3.4 A transgeracionalidade do trauma

Uma expressão desse sofrimento que extrapola o campo do indivíduo é a transgeracionalidade da traumatização. Chama a atenção a mobilização que essas lembranças causam nas pessoas mais novas, que não presenciaram esses acontecimentos. Muitos choraram, se recusaram a continuar a falar ou se

levantaram e se afastaram durante esses relatos.

Uma das formas mais expressivas da transgeracionalidade do trauma ocorre com as crianças. É visível a insegurança e o medo das crianças em relação aos não indígenas. Um caso especificamente é emblemático e explícita essa transgeracionalidade da traumatização psicossocial coletiva. Em uma das tardes de entrevista na aldeia de Aopa, um indígena que nos acompanhava para realizar a tradução caiu em um choro ritual dentro do carro, durante o traslado entre aldeias. As pessoas que nós havíamos ido entrevistar naquela tarde eram, entre outros, seus avós, e ele já tinha se emocionado muito durante a entrevista, quase permanecendo na aldeia com seus parentes. Só resolveu voltar para sua aldeia após realizar uma série de recomendações aos moradores de Aopa sobre o cuidado e a saúde de seus avós. O choro ocorreu pouco tempo depois, quando voltávamos desse encontro. Entoando sons característicos, que envolvem a repetição ritmada de um mesmo som, o indígena chorou durante cerca de quinze minutos ininterruptamente. Algumas horas depois, ele comentou comigo que sempre se emocionava com encontros como aquele que tivemos com seus avós. Também comentou que os velhos contam muito essas histórias e por vezes há longos períodos de choro coletivo no *warã* – centro da aldeia –, lembrando essas experiências.

#### **4. O período posterior: o faccionalismo intensificado e a humilhação social**

Como já indicado, uma das características da traumatização psicossocial coletiva é sua sequencialidade. Neste item nos deteremos nos principais aspectos dessa dinâmica e na maneira como se articulam na produção da traumatização psicossocial coletiva dos Xavante.

#### **4.1 A dispersão em muitas aldeias**

Um dos primeiros desdobramentos da remoção e da morte coletiva dos Xavante de Marãiwatsédé foi a dispersão do grupo em muitas aldeias. Impressionadas com o número de mortes que estavam ocorrendo, muitas famílias de Marãiwatsédé buscaram lugares distantes de São Marcos para viver.

A mudança forçada das tradições em decorrência de intervenção e da violência traz como consequência maior fragilidade psíquica e dificuldades de auto-organização socioafetiva, facilitando processos de desagregação social, conflitos intergeracionais e dificuldades de sociabilidade de forma geral.

#### **4.2. O faccionalismo intensificado**

Como já foi mencionado, o faccionalismo é um elemento central na compreensão da sociedade xavante. Essa característica foi um fator agravante do sofrimento dos indígenas de Marãiwatsédé. Eles foram lançados sem nenhuma mediação com outras facções em um território que já estava nas mãos de outro grupo

#### **4.3 A diáspora**

O conjunto de relatos sobre o período de quarenta anos de diáspora do povo de Marãiwatsédé demonstra que há uma continuidade que marca todos os diferentes momentos e lugares por onde ele passou. Após a morte coletiva de cerca de um terço dos indígenas de Marãiwatsédé, esse grupo passa a ser marcado pelos outros povos Xavante como aquele que carrega consigo a aura dessa tragédia coletiva. Eles passam a ser vistos e tratados como “sem-terra”, povo marcado pelo acontecimento trágico da expropriação de seu território e pela mortandade de sua população.

Apesar de essa característica geral estar presente em todos os relatos, os diferentes períodos que constituem a diáspora

xavante são bem definidos e destacados nos depoimentos ouvidos. Em cada período lembrado há acontecimentos que marcaram a memória social do grupo naquele momento. Tais acontecimentos se fixam como símbolos desse período da história coletiva, são sínteses que expressam o sentido do conjunto de experiências vividas pelo grupo no momento indicado. Nesse sentido, são fatos que explicitam a importância psíquica dessas experiências, na medida em que aglutinam aquilo que ficou gravado como um ancoradouro da identidade xavante de Marãiwatsédé. São os fatos que gravam, na memória social, aspectos socioafetivos que marcam a construção identitária do grupo dali em diante.

### Conclusão

A realização do parecer psicossocial sobre as populações Xavante de Marãiwatsédé é um trabalho que concretiza a participação da ciência psicológica no campo dos direitos humanos coletivos. O Ministério Público Federal, ao solicitar a averiguação dos impactos psicossociais da violência de Estado contra essas populações, reconhece a importância dessa participação.

Dados da Comissão Nacional da Verdade (2014) indicam que a violência do Estado atingiu inúmeros povos em todo o país. Ou seja, há muitos casos de violação de direitos em que a Psicologia pode contribuir, apontando os efeitos psicossociais sobre as populações atingidas.

A realização de pareceres como este relato também pode ser levada adiante com o conjunto de populações tradicionais, camponesas e demais grupos humanos atingidos pela violência política, por crimes ambientais e por grandes obras de infraestrutura. Existe ainda a possibilidade de realizar estudos de impacto psicossocial

para subsidiar relatórios feitos antes da realização de obras de infraestrutura.

É importante ressaltar a possibilidade de elaboração de relatórios e pareceres coletivos, isto é, que sejam realizados a partir de uma metodologia participativa e da produção direta dos membros afetados. Metodologias como educação popular, pesquisa ação participativa, teatro do oprimido, psicodrama, cartografias psicossociais, entre outras, podem ser articuladas na produção desses documentos.

Por fim, podemos usar a realização de pareceres – por perícia técnica individual ou feita em articulação com a coletividade – na produção de protocolos a serem seguidos pelo Estado no caso de intervenções nas terras e no cotidiano das populações afetadas por grandes projetos.

Por fim, é importante ressaltar como desdobramento da realização desse documento a possibilidade de construção de uma ação profissional da Psicologia que aponte caminhos de superação e reparação dos efeitos oriundos da violência política. Nesse sentido, com base na realização do parecer psicossocial, é possível apontar duas diretrizes fundamentais em um processo de reparação psicossocial coletiva.

a) O conjunto de ações deve ser estabelecido a partir do reconhecimento dos diferentes níveis que os efeitos psicossociais podem tomar: individual, familiar, intergrupar e da comunidade como um todo. As ações devem ser realizadas tendo como foco as distintas dimensões dos efeitos coletivos.

b) As medidas tomadas devem levar em conta a memória histórica e coletiva das populações reparadas, assim como o conjunto de seus conhecimentos tradicionais

e de manejo técnico do mundo. A experiência coletiva das populações no enfrentamento a diferentes formas de violência e situações de violação de direitos deve estar articulada ao conjunto de técnicas e metodologias que vão compor as intervenções psicossociais com objetivo de reparação. A memória ancestral, os valores ético-espirituais e a perspectivas e filosofias de mundo das populações são fontes de conhecimento sobre a vida individual e coletiva de seu povo. Além disso são fontes que podem contribuir significativamente para a psicologia e outras disciplinas científicas em seu trabalho.

#### Referências

- ALVES, Adailton Silva. *A organização espacial Au'we Xavante: um olhar qualitativo sobre o espaço*. Dissertação: Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro: 2006.
- BRINKMANN, Beatriz. *Daño transgeneracional: consecuencias de la represión en el Cono Sur*. Santiago: Cintras, 2009.
- BUENO, Inês Rosa. Laudo antropológico Terra Indígena *Marãiwatsédé*. Ministério Público Federal, Quinta Vara Judicial Federal de Mato Grosso, 2006.
- COELHO, Maria Helena Mendonça. O poder no mito: as relações de poder na sociedade xavante, analisada através dos mitos. Doutorado: Programa de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.
- DOBLES, Ignacio. *Memorias del dolor: consideraciones acerca de las Comisiones de la Verdad en América Latina*. México: Arlequim, 2009.
- ESPINOZA, Adriana & RODRIGUEZ, Cecilia. A memória enquistada: uma aproximação ao trauma transgeracional. *Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas*. Florianópolis: UESC, 2006.
- FAÚNDEZ, Ximena & CORNEJO, Marcela. Aproximaciones al estudio de la transmisión transgeneracional del trauma psicosocial. *Revista de Psicología*. vol. 19, núm. 2, agosto-diciembre, 2010. Santiago: Universidad de Chile.
- GONÇALVES FILHO, J. M. *Humilhação social: um problema político em Psicologia*. São Paulo: Psicologia USP, 1998.
- GRAHAM, Laura. Apud: BUENO, Inês Rosa. Laudo antropológico Terra Indígena *Marãiwatsédé*. Ministério Público Federal, Quinta Vara Judicial Federal de Mato Grosso, 2006.
- IOSA, Emilio. Transmisión transgeneracional del trauma psicosocial en comunidades indígenas de Argentina: percepción del daño en el pasado y presente y acciones autoreparatorias. Vol. 21. Rio de Janeiro: *Caderno de Saúde Coletiva*, 2013.
- LOPES DA SILVA, Aracy. Dois séculos e meio de história xavante. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela, org. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- MARTÍN-BARÓ, I. *Guerra y salud mental. Sistema y poder*. San Salvador: Universidad Centroamericana José Simeon Cañas, 1984a..
- \_\_\_\_\_. *O papel do psicólogo*. Estudos de Psicologia. São Paulo: USP, 2006.
- MAYBURY-LEWIS, David. *A sociedade xavante*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1984.
- MENEZES, Cláudia. Os Xavante e o movimento de fronteira no leste mato-grossense. *Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo, 1982.
- OPAN – Operação Amazônia Nativa. *Relatório sobre violação de direitos humanos: o caso dos Xavante de Marãiwatsédé*. Cuiabá, 2013.
- REGO, Patrique Lamounier. Caminho da desumanização. Análises e imbricamentos na tradição e história ocidental. Dissertação: Departamento de Filosofia. Universidade de Brasília, 2014.
- WEIL, Simone. O desenraizamento operário. In: BOSI, Ecléa, org. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Recebido em 2021-09-15  
Publicado em 2021-10-01